

Percepções de estudantes de Letras sobre a formação em Português para Estrangeiros no contexto da internacionalização universitária /

Perceptions of Language students about training as Portuguese for Foreigners teachers in the context of university internationalization

Luhema Santos Ueti¹

Graduada em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Norte do Paraná (2008), Pedagogia pela Universidade Nove de Julho (2017) e Mestra na área de Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2013). É doutoranda em Letras Estrangeiras e Tradução, na Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de português língua adicional.

.  <https://orcid.org/0000-0003-0955-2410>

Recebido em 17 de setembro de 2024. **Aprovado** em 09 de dezembro de 2024.

Como citar este artigo:

UETI, Luhema Santos. Percepções de estudantes de Letras sobre a formação em português para Estrangeiros no contexto da internacionalização universitária. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 5, e3518, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14562902>

RESUMO

O contexto de internacionalização das universidades brasileiras traz como característica principal a interação plurilíngue e intercultural entre discentes e docentes que circulam em diferentes esferas do meio acadêmico. Esta nova configuração das instituições de ensino superior, além de ter reflexos no desenvolvimento de competências plurilíngues e interculturais dos estudantes, tem reflexos também na formação de professores de línguas adicionais, especialmente, a formação de professores de português para estrangeiros (PE) dado o crescente contato com estudantes estrangeiros intercambistas e professores visitantes. Neste contexto, é fundamental que os estudantes de Letras tenham uma formação sólida na área de PE para que, não apenas ministrem aulas para esse público, mas também possam compreender e mediar as relações interculturais e desenvolver habilidades linguístico-culturais de reflexão sobre a língua portuguesa como uma língua internacional para a convivência dentro do ambiente universitário. O objetivo deste artigo é refletir, a partir de respostas a um questionário, sobre as percepções que os estudantes da graduação em Letras com habilitação em português, da Universidade de São Paulo, têm sobre a área de PE a fim de repensar as práticas de formação de professores de PE na universidade e contribuir para ações de internacionalização da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização; Plurilinguismo; Interculturalidade; Formação de professores de português para estrangeiros; português como língua internacional

¹ Endereço eletrônico: uetiluhema@gmail.com

ABSTRACT

The internationalization of Brazilian universities is characterized by plurilingualism and intercultural interactions among students and faculty across diverse academic environments. This evolving landscape of higher education institutions affects the development of multilingual and intercultural competencies among students and impacts the training of additional language teachers, particularly those specializing in Portuguese for Foreigners (PF), due to the increasing interaction with international exchange students and visiting professors. In this context, it is essential for students in Language and Literature programs to receive a comprehensive education in PF, enabling them to teach this audience, to understand and mediate intercultural relations and develop linguistic-cultural skills necessary for addressing Portuguese as an international language within the university environment. Thus, this paper aims to reflect on the perceptions of undergraduate students in the Portuguese Language and Literature program at the São Paulo University regarding the field of PF, with the goal of re-evaluating PF teacher training practices at the university and contributing to the institution's internationalization efforts.

KEYWORDS: Internationalization; Plurilingualism; Intercultural; Portuguese for foreigners teachers training, Portuguese as an international language.

1 Introdução

A internacionalização das universidades brasileiras é um processo em consolidação. Nos últimos anos, esse fenômeno tem se desenvolvido de forma mais constante e intensa, impulsionado por fatores como a globalização, a ampliação dos acordos internacionais entre Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras e estrangeiras, além do crescente interesse, por parte de discentes e docentes, em realizar programas de mobilidade. Embora não seja um processo recente, seu avanço tornou-se mais evidente na década de 1990, com a inserção da temática em fóruns internacionais (Stallivieri, 2017).

Dentro do panorama da internacionalização do ensino superior, destaca-se a sensibilização para o desenvolvimento de habilidades interculturais e plurilíngues a partir da vivência em outras línguas-culturas por toda a comunidade universitária (estudantes, professores, funcionários), que ora recebem estrangeiros na universidade e ora estão em outro país desenvolvendo ações de intercâmbio. Com relação a esse aspecto, a oferta de cursos de línguas para suprir a demanda de conhecimento de línguas adicionais por toda a comunidade acadêmica (pelos brasileiros que vão estudar fora do país e pelos estrangeiros que vêm desenvolver pesquisa no Brasil) reveste-se de grande importância no contexto da internacionalização. Além disso, destaca-se a necessidade de formar professores de

línguas adicionais, especialmente de português para estrangeiros (PE)², capacitando-os a ministrar aulas que integrem o plurilinguismo e a educação intercultural.

Este artigo tem como objetivo analisar as percepções que os graduandos em Letras da Habilitação em português, da Universidade de São Paulo (USP), têm sobre a área de PE com base nas respostas a um questionário³. Por meio dessas análises, identifica-se uma necessidade premente na formação de professores de PE, evidenciando a importância de oferecer subsídios teóricos e metodológicos para que esses futuros profissionais estejam preparados para atuar na área. Essa preparação para atuação em PE não apenas contribui para a política de internacionalização da universidade, mas também estimula os estudantes de graduação em Letras no desenvolvimento de competências plurilíngues e interculturais, fundamentais tanto para a prática docente quanto para a participação na comunidade acadêmica internacional.

Este artigo está organizado em quatro partes principais. Inicialmente, contextualizo o processo de internacionalização e sua relação com o ensino-aprendizado de línguas adicionais. Em seguida, abordo a área de PE e, especificamente, a formação de professores de PE no âmbito da graduação em Letras da USP. Na sequência, apresento o desenho metodológico da coleta de dados. Por fim, analiso as respostas dos estudantes de Letras, habilitação em Português, da USP acerca do conhecimento sobre a área de PE.

2 A internacionalização e a importância do ensino-aprendizado de línguas adicionais

Ao se pensar em internacionalização, é comum associar o processo apenas à mobilidade de estudantes e professores que vão desenvolver atividades fora de seus países, entretanto a mobilidade acadêmica é apenas um aspecto da internacionalização.

De acordo com Knight (2003), o termo internacionalização se refere ao processo de integração da universidade de forma em que haja o senso de comunidade internacional, intercultural, ou

² Escolho utilizar Português para Estrangeiros devido ao fato de esta pesquisa ter como base apenas ações de ensino-aprendizagem para o público de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmicas nas IES.

³ O presente artigo resulta de investigações realizadas no contexto da tese de doutorado da autora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução, na Universidade de São Paulo. A pesquisa foi realizada com aprovação ética da Plataforma Brasil, por meio do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo, Parecer nº 5.388.881, emitido em 4 de maio de 2022.

dimensão global nos propósitos e ações da instituição. Isto é, participar de uma comunidade global de maneira ampla de forma a contribuir para a sociedade com pesquisas e desenvolvimento de ações voltadas para um contexto global e internacional.

Desse modo, entende-se o processo de internacionalização como um conjunto de ações que visam ampliar formas de ver o mundo e formas de fazer ciência com o intuito de impactar diferentes grupos que podem ser outros que não apenas os inseridos na determinada comunidade acadêmica.

Como dito anteriormente, a internacionalização das universidades é algo que pode acontecer mesmo sem mobilidade dos membros da instituição, por exemplo, a partir da cooperação entre universidades por meio da realização de seminários por vídeo conferências ou, então, com a inclusão, no ambiente universitário, de indivíduos que promovam a internacionalização no seu sentido mais abrangente, como os migrantes e os indígenas.

Além de difundir, de forma global, os estudos feitos dentro da universidade, a internacionalização tem como objetivo construir ações de colaboração para desenvolver competências interacionais com e nas mais diversas línguas-culturas para, então, promover uma formação universitária que respeite as diferenças e trabalhe para uma sociedade mais acolhedora. Para que isso aconteça, é importante que os participantes desse processo possam desenvolver habilidades que estejam adequadas a esses objetivos, como as competências intercultural e plurilíngue.

A competência intercultural, segundo Beacco e Byram (2007), pode ser entendida como a associação de diferentes fatores (conhecimento, atitude, comportamento) que permite ao indivíduo reconhecer e entender, em diferentes graus, modos de vida e pensamentos de outras pessoas para além da sua própria cultura. Dentro do processo de internacionalização, a comunidade universitária precisa desenvolver essa competência para que a interação com pessoas de diferentes culturas seja respeitosa e enriqueça as experiências acadêmicas.

Por sua vez, a competência plurilíngue é descrita no Quadro Europeu Comum de Referência de Línguas (QECR) como a capacidade de uma pessoa saber falar diferentes línguas e atuar em diferentes culturas, em maior ou menor grau, de maneira com que essas línguas-culturas possam se relacionar entre si para um desempenho em uma determinada situação (Conselho da Europa, 2001).

Essas duas competências, quando incorporadas às ações de ensino-aprendizagem de línguas adicionais, podem auxiliar a construção de relações entre indivíduos de diferentes línguas-

culturas. Desta forma, é mister que as IES promovam ações de ensino-aprendizagem de diferentes línguas dentro do espaço universitário para que, ao ter contato com as mais variadas formas de pensar o mundo, a paisagem linguístico-cultural do ambiente acadêmico seja expandida.

No entanto, é válido ressaltar que essas ações devem ultrapassar o âmbito individual de cada estudante e estar presente em toda a política universitária. Isto significa que essas ações precisam considerar a heterogeneidade da comunidade acadêmica e não apenas aqueles que participarão de atividades de mobilidade acadêmica. Sendo assim, é crucial que a formação de professores de línguas adicionais tenha como base diretrizes que promovam a internacionalização, seja pela conscientização do processo ou seja pela formação de professores para atuarem diretamente com iniciativas de ensino-aprendizagem de línguas adicionais.

Dentro desse contexto, a formação de professores na área de PE é uma necessidade frente às iniciativas de internacionalização, que, segundo Abreu-e-Lima, Furtoso e Francisco (2021), constitui uma ação estratégica nas universidades e, também, contribui para a ampliação do conhecimento sobre o Brasil no cenário internacional. Após discutir a importância do ensino-aprendizado de línguas adicionais no contexto da internacionalização, apresento o contexto da formação de professores de PE na habilitação em Português do Curso de Letras da USP.

3 O Português para estrangeiros na USP: da oferta de cursos às ações de formação de professores

Em 2023, a USP recebeu mais de 1700 estudantes intercambistas em seus programas de graduação e pós-graduação (USP, 2024). E para atender a essa demanda de estudantes estrangeiros, algumas iniciativas institucionalizadas para a oferta de cursos presenciais e virtuais a esse público são realizadas por diferentes espaços e agentes: pelo Centro Interdepartamental de Línguas (CIL) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH)⁴, pelo Grupo de Trabalho Interunidades em Políticas Linguísticas da USP – PoLínguas por meio do Programa de Iniciação e Aperfeiçoamento

⁴ Para saber sobre a oferta de cursos pelo CIL- FFLCH, ver: <https://clinguas.fflch.usp.br/cursos-portugues-2o-sem2024-0>.

na docência em Línguas (PROIAD)⁵ e pela Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional (AUCANI)⁶.

De forma geral, os cursos atendem a diferentes níveis e objetivos de estudos. São ministrados, em sua maioria, na modalidade presencial, em diferentes períodos do ano acadêmico. Entretanto, mesmo que haja diferentes iniciativas, não atendem totalmente à demanda de intercambistas que estudam na universidade devido ao baixo número de vagas comparado ao número de intercambistas (Ueti; Albuquerque-Costa, 2024).

Embora a instituição disponibilize cursos voltados ao público de estudantes intercambistas estrangeiros, como mencionados anteriormente, no que diz respeito à formação de professores de PE, ao analisar a grade curricular da habilitação em Língua Portuguesa, não é possível identificar nenhuma disciplina que trate da área⁷. Portanto, dentro do Curso de Letras, não há formação específica para a área.

Observa-se que a formação de professores de PE dentro da USP não é encontrada no âmbito do ensino no Curso de Letras, mas na extensão universitária, por meio de iniciativas institucionais, como o PROIAD, o Projeto de Intercâmbio Virtual Teletandem – USP, e nas ações do CIL- FFLCH-USP. Como acontece em outras universidades, conforme aponta Furtoso (2015), a área de PE tem se iniciado e se ampliado por meio da extensão, com programas que atuam diretamente com a prática, ou seja, com as aulas de PE, como é possível ver nas atividades destacadas a seguir.

O PROIAD é um programa que envolve diferentes cursos de licenciatura juntamente com a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU). No que se refere à licenciatura em Letras, atuam professores vinculados ao CIL- FFLCH e ao CEPEL-FE. O programa foi lançado em 2022 e tem como objetivo promover uma educação linguística e plurilíngue em consonância às ações de internacionalização da instituição. Para isso, por meio de um edital específico, são disponibilizadas bolsas de estudos a estudantes de graduação da universidade que, dentre outras possíveis atividades, participam planejando e ministrando, com a orientação de professores supervisores, cursos ou oficinas em diferentes línguas estrangeiras. Ao mesmo tempo em que há oferta de mais cursos de línguas à

⁵ Informações sobre o programa e sobre os cursos oferecidos podem ser encontradas em: <https://sites.usp.br/polinguas/proiad/>.

⁶ Para mais informações sobre os cursos oferecidos, ver <https://internationaloffice.usp.br/index.php/cursos/aucani-idiomas/>.

⁷ A lista completa de disciplinas pode ser acessada em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCarreira.jsp?codmnu=8275>.

comunidade acadêmica, há também a possibilidade da ampliação da formação desses professores que atuam nesses cursos, incluindo, professores de PE a estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica.

Já o Projeto de Intercâmbio Virtual Teletandem é uma iniciativa que existe em diferentes universidades, entretanto, na USP, iniciou em 2021. Tem como objetivo promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas, interculturais e pedagógicas dos estudantes de graduação em Letras por meio de interações com estudantes universitários estrangeiros ou brasileiros que também estejam aprendendo línguas estrangeiras⁸. No caso dos estudantes estrangeiros, há interações virtuais nas diferentes línguas, por exemplo, um estudante da habilitação em Espanhol da USP conversa com um estudante de Português de uma universidade de algum país falante de Espanhol. Como parte da interação é feita em Língua Espanhola e parte em Língua Portuguesa, o graduando em Letras brasileiro aprende tanto o Espanhol como ensina o Português ao graduando estrangeiro⁹.

Com respeito às iniciativas de formação de professores de PE no CIL-FFLCH, é válido ressaltar que a instituição tem promovido, ao longo das décadas desde sua criação, espaços que oportunizam a formação em PE na USP. Além de ações extensionistas, ações de ensino e pesquisa também fazem parte do conjunto de iniciativas do CIL- FFLCH, tais como publicações, congressos, cursos e aplicações de provas de proficiência aos candidatos estrangeiros às vagas nos programas de pós-graduação.

A publicação de revistas com pesquisas acadêmicas sobre ensino-aprendizagem de PE nos Cadernos do Centro de Línguas foi realizada nos anos 1997 e 2007 (Caderno do Centro de Línguas, 1997; Caderno do Centro de Línguas, 2007)¹⁰. Há, ainda, registros de congressos denominados “Encontro de Estudos de Português para Falantes de Outras Línguas”, os quais ocorreram em 2010 e 2015¹¹.

⁸ Para saber mais sobre o Teletandem na USP, ver: <https://clinguas.fflch.usp.br/projeto-teletandem-usp>.

⁹ Mais informações de como as interações no Teletandem acontecem, ver: <http://www.teletandembrasil.org/>.

¹⁰ As publicações são compostas por artigos de pesquisadores de diferentes universidades, inclusive da USP.

¹¹ Apesar de não haver registros histórico de ações de formação de PE disponíveis no site do CIL, é possível encontrar chamadas de eventos na internet. Como para o I e o II Encontro de Estudos de Português para Falantes de Outras Línguas, realizados em novembro de 2010 e 2015, respectivamente. Informações disponíveis em: <https://alb.org.br/encontro-de-estudos-de-portugues-para/> e <https://plataforma9.com/congresso/2o-encontro-de-estudos-de-portugues-para-falantes-de-outras-linguas/>. Acesso em: 10 set. 2024.

No âmbito do ensino, sob coordenação da educadora da área, por meio da contratação de estudantes de Letras para atuarem como monitores da área de Português, se possibilita o contato direto com a prática de aulas aos intercambistas ou em atividades de avaliação de proficiência para candidatos estrangeiros que precisam comprovar seus conhecimentos em Língua Portuguesa para ingressar na pós-graduação.

As atividades extensionistas para formação de professores de PE também estão presentes no catálogo da instituição por meio de cursos, oficinas e eventos do CIL- FFLCH. Em alguns casos, essas ofertas não se restringem apenas aos graduandos em Letras da universidade, são abertas à comunidade externa, por exemplo, a oficina oferecida em 2016, com o título “*Elaboração de material de PLE para grupo de refugiados*”¹².

Após a contextualização sobre as ações de formação de professores de PE na USP, detalho o processo da coleta de dados desta pesquisa. Em seguida, as análises realizadas com base no *corpus* selecionado.

4 A coleta de dados

Neste artigo, analiso respostas de estudantes de graduação da habilitação em Português do Curso de Letras da USP a um questionário com a finalidade de identificar o conhecimento que esses estudantes têm sobre a área de PE. Esse questionário foi enviado a graduandos em Letras de habilitação simples (apenas habilitação em Português) e habilitação dupla (habilitação em Português e outras línguas ou Linguística)¹³. Todos os participantes desta pesquisa eram estudantes do Bacharelado e/ou da Licenciatura, que cursavam diferentes semestres, dos iniciais aos finais.

O questionário, elaborado no *Google Formulários*, serviu como instrumento de coleta de dados. Ele consistia em um conjunto de questões de sondagem para identificar o interesse dos estudantes pela área de PE¹⁴.

¹² Para mais informações, ver: <https://clinguas.fflch.usp.br/oficina-elaboracao-de-material-de-ple-para-grupos-de-refugiados-2016>.

¹³ Para mais informações sobre as diferentes habilitações, ver: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCarreira.jsp?codmnu=8275>.

¹⁴ O questionário foi enviado, em julho de 2022, por e-mail aos 5198 estudantes de graduação em Letras com Habilitação em Português da USP.

As questões deste instrumento estavam relacionadas ao conhecimento da área de PE e às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Para este artigo, selecionei a pergunta número 7 do formulário: “O que você sabe sobre ser um professor especialista em Português como Língua Estrangeira - Português para estrangeiros?”¹⁵, pois nela os graduandos puderam escrever sobre a percepção que possuem da área.

Foram coletadas 114 respostas ao questionário, entretanto, para fins de análise, considerei apenas 79 que correspondem ao total de estudantes que responderam à questão apresentada anteriormente. Desse total, 39 estudantes cursavam os semestres iniciais e 40 os semestres finais¹⁶. A seguir, apresento as análises desses dados.

5 O conhecimento dos estudantes de Letras Português da USP sobre a área de PE

A partir das análises das respostas dos graduandos da habilitação em Português do Curso de Letras da USP à questão apresentada previamente, foi possível identificar que esses estudantes, em geral, têm pouco conhecimento sobre a área. Isso se deve ao fato de que 34 respostas apresentavam expressões indicando um conhecimento mínimo da área – “apenas sei que...”, “tenho pouco conhecimento”, “não sei muito”, “não ouvi muito”, “nenhum conhecimento”, “nada”. Ou seja, quase metade dos respondentes indicava ter uma visão superficial da área.

Ao analisar as 79 respostas coletadas, foi possível agrupá-las em cinco diferentes categorias, considerando que, em algumas delas, uma mesma resposta apresentava elementos de mais de uma categoria. São elas:

- 1) Conhecimento de senso comum: refere-se à tentativa de identificar a área a partir de seu conhecimento ou experiência com outra língua estrangeira;
- 2) Carreira na área: refere-se à identificação de oportunidade de carreira na área de PE;

¹⁵ Optei por utilizar “português como língua estrangeira” e “português para estrangeiros”, pois considerei serem as nomenclaturas mais conhecidas pelos estudantes de Letras.

¹⁶ Para este trabalho, considero como referência o bacharelado na habilitação simples em Português. De acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso de Letras da USP, a quantidade mínima de semestres a serem cursados é de oito e a máxima é de 12, assim, para este artigo, considero que os semestres iniciais correspondem aos seis primeiros e os semestres finais correspondem aos seis últimos. Para mais informações, ver: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCarreira.jsp?codmnu=8275>.

- 3) Diferentes demandas e contextos de ensino-aprendizagem: refere-se à identificação de que há demandas específicas para diferentes contextos de PE;
- 4) Experiência prática: refere-se às experiências práticas com atividades de ensino-aprendizagem de PE dos próprios respondentes ou com relatos de outras pessoas;
- 5) Ausência de formação e recursos: refere-se às ausências de formação, de informação ou de materiais didáticos.

Para exemplificar as categorias definidas, apresento, a seguir, as análises de trechos das respostas encontradas nos questionários. Após esse momento, discorro sobre as reflexões dessas análises.

5.1 Conhecimento de senso comum

Foram encontradas 15 respostas que indicavam que o conhecimento sobre a área se baseava no senso comum. Isto é, os respondentes explicavam a área ou acreditavam que, assim como outras línguas podem ser maternas ou estrangeiras, o português também pode ser uma língua materna estrangeira.

- A) “Um professor que ensina português para pessoas cuja primeira língua não é o português”;
- B) “Professores que se formam em Letras, e dão aulas de língua portuguesa para estrangeiros, que não tem como primeira língua o português”;
- C) “Só sei que a modalidade existe, mas nem mesmo sei se este tipo de aula é dada (sic) em interlíngua ou inteiramente em português”;
- D) “Não muita coisa, apenas que é uma modalidade e que os métodos são diferentes dos de ensino em escolas do Brasil”.

Nos trechos A e B, os participantes explicaram o que é ser um professor de PE especificando que é aquele que ministra aulas a pessoas que não têm o português como primeira língua. Por meio dessas respostas, percebe-se que eles não conhecem todas as demandas da área ou as particularidades dos diferentes contextos de PE. Por sua vez, na resposta C, o participante demonstra saber da existência da área, porém não sabe de que forma as aulas são ministradas, se é em uma língua em comum ou na língua-alvo. Logo, ele reconhece a especificidade da área, mas não tem nenhum conhecimento sobre como ela realmente se configura.

Na resposta *D*, o participante explica o que conhece da temática em comparação com o ensino de português como língua materna. Ele reconhece que há diferença nas maneiras de ensinar-aprender línguas maternas e estrangeiras, porém não tem outras informações a respeito da área.

Com base nos recortes das respostas apresentadas, é possível perceber que os participantes identificam que há uma diferença no ensino-aprendizagem de PE que não é a mesma dada aos brasileiros. Entretanto, apesar de tratar-se exclusivamente de estudantes do curso de Letras, nota-se que eles não têm conhecimento teórico ou específico para explicar como se caracteriza cada um.

A diferenciação da área ocorre por meio da comparação com o ensino da disciplina de Língua Portuguesa nas escolas regulares do Brasil. Além disso, admite-se que, tal como outras línguas podem ser ensinadas a estrangeiros, o português também pode ocupar esse espaço, como é o caso de todas as línguas das habilitações do curso de Letras, que são ensinadas aos brasileiros

Ademais, ainda que haja esse reconhecimento do PE, há pouco conhecimento de como ele é realmente ensinado-aprendido nas aulas. Com base nessas respostas, é possível determinar que os participantes só percebem ações pedagógicas relacionadas ao modo como eles aprenderam o português, ou seja, como língua materna. Eles não estão familiarizados com as ações pedagógicas e metodológicas necessárias para ensinar PE.

No âmbito da internacionalização das IES, vale destacar que, conforme apontam Abreu-Lima, Furtoso e Francisco (2021), a área de PE integra os eixos estratégicos da internacionalização. Portanto, embora os estudantes em Letras possam não obter uma habilitação específica em PE, é fundamental que, ao longo da graduação, adquiram conhecimento sobre a área, com base em teorias e metodologias de ensino-aprendizagem de línguas, para superar saberes do senso comum.

5.2 Carreira

Nesta categoria, as respostas indicam ter informações sobre a carreira na área de PE, o que inclui saber sobre oportunidades de trabalho e remuneração. Foram identificadas 14 respostas que tratam da temática de carreira. Isso indica que esses respondentes, apesar de terem uma familiaridade maior com a área se comparada com a categoria anterior que tinha como base o senso comum, ainda não tem um conhecimento profundo sobre PE. A seguir, apresento algumas das respostas:

- A) “Não ouvi muito, mas sei que é uma possibilidade de carreira”;
- B) “Ouvi falar que é uma boa oportunidade para os estudantes de línguas estrangeiras”;
- C) “Já ouvi falar em oportunidades para trabalho como professor de português para estrangeiros”;
- D) “A atuação costuma ser internacional e há boa remuneração”.

Na primeira resposta, no item *A*, mesmo não tendo um conhecimento profundo sobre as demandas da área, o participante indica saber que existe essa opção para a carreira de graduado em Letras. Já a resposta *B* relata que é uma possibilidade para quem cursa habilitação em outras línguas estrangeiras, isto é, a formação na habilitação em Português não é suficiente para adentrar na carreira, é preciso complementar a formação com uma outra língua além do Português.

Na resposta *C*, o participante tem conhecimento sobre a demanda do mercado de trabalho por professores especializados para esta área. E, por fim, a resposta *D* indica que a área vai além do contexto de ensino-aprendizagem de PE no Brasil, ou seja, está relacionada a um contexto internacional. Adicionalmente, o respondente informa que há um bom retorno financeiro aos professores de PE.

Ainda em relação à resposta *D*, observa-se que o autor entende o PE como uma disciplina voltada para o ensino em contextos internacionais, fora do país, e não como parte de um processo de internacionalização dentro da universidade. Por exemplo, o autor não considera situações em que a instituição acolhe estudantes intercambistas. Em outras palavras, as iniciativas de internacionalização parecem não estar sendo reconhecidas no âmbito da própria universidade.

De modo geral, as análises desta categoria indicam que os respondentes percebem a carreira como professor de PE como uma possibilidade viável dentro do curso de Letras. Eles identificam que há uma demanda por profissionais qualificados para ministrar aulas de PE, tanto no Brasil quanto em outros países. Além disso, os respondentes mencionam que a carreira pode oferecer uma boa remuneração, o que a torna atraente para muitos profissionais.

A combinação de uma demanda crescente e a possibilidade de uma remuneração competitiva pode ser vista como fator que torna a área de PE uma escolha de carreira interessante e potencialmente lucrativa. Entretanto, as respostas mostram que os respondentes ainda possuem pouca informação sobre a área para poderem seguir carreira.

5.3 Diferentes demandas e contextos

As respostas relacionadas às demandas e aos contextos da área de PE revelam diferentes possibilidades de atuação profissional. Entre os espaços de trabalho mencionados, destacam-se oportunidades no exterior, em universidades ou programas específicos; e a atuação como professor voluntário para migrantes em crise. Essa categoria foi a que reuniu o maior número de respostas, totalizando 25. A seguir, apresento algumas dessas respostas:

- A) [...] também conheço a possibilidade de dar aulas de português em universidades de outros países, como a China”;
- B) “Já vi anúncios de trabalhos voluntários e sei que existe um programa para que jovens alunos da graduação ensinem português na França”;
- C) “Trabalhar com refugiados, intercambistas e dar aulas em outros países (*on-line* ou presencial)”;
- D) “Um professor que leciona o idioma Português como língua de acolhimento para pessoas refugiadas que estão no Brasil”;
- E) “Como há muitos imigrantes no Brasil, muitos programas têm aulas de português para estrangeiros, com foco nos imigrantes”;
- F) “Tudo muito precarizado e voluntário. Como se o professor tapasse um buraco”.

As respostas tratam de informações acerca dos diferentes contextos de ensino-aprendizagem de PE. Apresentam as demandas por estrangeiros dentro e fora do Brasil que querem aprender português em universidades e em programas, como é possível ver nos trechos A, B e C. Corroborando a isso, além de programas específicos de ensino-aprendizado de PE em universidades mundo afora mencionados nas respostas, é importante destacar que, desde a década de 1950, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) promove o programa de leitorado. Essa ação consiste no envio de professores brasileiros para ensinar PE em diferentes universidades ou Institutos Guimarães Rosa ao redor do mundo (Coelho; Almeida, 2023).

Já as respostas B, C, D, E e F indicam o contexto de ensino-aprendizado de PE como língua de acolhimento a migrantes e pessoas em situação de refúgio que estão no Brasil. Esse contexto parece ser o mais conhecido pelos participantes - das 25 respostas, 15 abordam a temática de ensino de português a esse público.

Para esses casos, estudiosos da área preferem utilizar o termo Português Língua de Acolhimento (PLAc) para especificar o contexto e suas particularidades (Grosso, 2010; Amado, 2013; Lopez; Diniz, 2019). Essa nomenclatura parece não ser reconhecida pelos respondentes, o que sugere desconhecimento das divisões da área de PE e das especificidades do PLAc. Isso indica que o respondente tende a considerar o PLAc apenas como uma mudança no perfil dos estudantes, sem levar em conta os aspectos político-econômico-sociais envolvidos, especialmente no caso de pessoas em situação de refúgio (Amado, 2013).

Nas respostas *B* e *C*, são mencionados diferentes contextos de ensino-aprendizagem de PE em um único trecho. Na resposta *B*, destacam-se tanto o ensino de PE em outro país quanto o ensino a pessoas em situação de refúgio. Já na resposta *C*, acrescenta-se o contexto de ensino de PE para intercambistas, além de apresentar as modalidades de ensino-aprendizagem, presencial e remota, como possibilidades para diferentes cenários. Esses elementos indicam que o conhecimento desses respondentes sobre a área é mais abrangente em comparação com outras respostas.

Vale destacar que o participante da resposta *B* reconheceu as diferenças entre o ensino de PE a estrangeiros na França e o ensino no Brasil a migrantes de crise. Essas diferenças vão além da localização (país onde a língua é falada ou não) e estão associadas à valorização da atividade e às políticas linguísticas envolvidas. Enquanto o ensino para pessoas em situação de refúgio no Brasil é realizado por professores voluntários em Organizações Não Governamentais (ONGs), o ensino na França ocorre por meio de um programa institucionalizado, fruto de uma parceria entre os dois países.

A desvalorização do ensino de PLAc também é evidenciada na resposta *F*, que critica a forma como o trabalho voluntário é percebido, sendo descrito como um “tapa-buraco”. O uso dessa expressão ressalta a ideia de que o ensino de português para comunidades de migrantes, em muitos casos, é tratado como uma solução provisória, limitada a iniciativas voluntárias organizadas por ONGs, sem uma estrutura governamental sólida que responda adequadamente a essa demanda.

As respostas desta categoria indicam que os participantes possuem um conhecimento mais amplo em comparação com as demais categorias. Alguns demonstram reflexões críticas, especialmente sobre o contexto de PLAc e a falta de valorização dos profissionais que atendem a essa demanda crescente. Essas reflexões estão alinhadas ao que estudiosos da área têm destacado em suas pesquisas, que apontam como as iniciativas de ensino de PLAc permanecem, em grande

parte, limitadas a ações assistencialistas, contribuindo para a precarização do trabalho docente (Bizon; Camargo, 2018; Lopez, 2020; Cursino, 2023).

5.4 Experiências práticas

Das respostas coletadas, 15 apresentam experiências práticas vividas pelos participantes ou experiências relatadas por outras pessoas. Neste primeiro momento, exponho os excertos das respostas que tratam das próprias experiências dos participantes e, em seguida, os excertos que tratam das referências às experiências de terceiros.

- A) “Não sei muito sobre o assunto, apenas acompanhei muito superficialmente um programa de Ensino de Língua Portuguesa para imigrantes congoleses”;
- B) “Não ouvi muita coisa, mas sei que existem pessoas que atuam nessa área e me parece ser bastante interessante. Eu já participei de alguns projetos assim, mas era educação informal”;
- C) “Dou aula de PLE para os refugiados ucranianos, estou aprendendo na prática e com os colegas”;
- D) “Em termos teóricos, não muito, apesar de ter atuado como professora de Português como LE e de ter visto teorias acerca do ensino de línguas estrangeiras por conta da habilitação dupla”;
- E) “Eu apenas sabia desta possibilidade, mas sem maiores informações, pois trabalhei em multinacional e era comum buscarmos professores de português para os expatriados”.

Os trechos *A*, *B* e *C* apresentam relatos de indivíduos que atuaram no contexto de PLAc, ainda que não estivessem ministrando aulas. Já no trecho *D*, não é possível identificar o contexto no qual o respondente atuava, pois ele não especificou o público de suas aulas.

Nos trechos *C* e *D*, é indicado que, embora os participantes já estivessem atuando na área de PE, não haviam recebido uma formação teórica específica. No trecho *C*, o respondente relata que está aprendendo na prática e com a ajuda de colegas a como ministrar aulas aos migrantes ucranianos. Já em *D*, o participante revela não ter muito conhecimento dos aspectos teóricos, mesmo após já ter estudado sobre isso durante a graduação com dupla habilitação (Português e língua estrangeira). Isso mostra que, apesar de estarem atuando de forma prática no contexto de PE ou PLAc, os respondentes não receberam formação teórica adequada para tal dentro da graduação em Letras.

No excerto *E*, observa-se que o participante não teve experiência direta com o ensino de PE, mas demonstra conhecer a especificidade da área por ter trabalhado em uma empresa que contratava professores para atender funcionários estrangeiros. Nesse contexto, o participante reconhece a existência de uma carreira dedicada ao ensino de português a estrangeiros, com base em sua vivência profissional.

Nesta categoria, inclui também aqueles que indicaram terem conhecimento por meio de experiências indiretas ou por conversas com profissionais que atuam na área.

- F) “Um antigo amigo da minha mãe era professor de português para refugiados”;
- G) “Apenas ouvi falar de um projeto com minha professora de Fonética e Fonologia, nada mais”;
- H) “Poucas informações, apenas divulgação de professores no grupo do Facebook Letras-FFLCH”;
- I) “[...] apenas tive contato com uma professora que dá aulas de Português como Língua Estrangeira. A preparação para ocupar esse posto, o campo de atuação ou estudos sobre o tema são todos desconhecidos por mim”.

As respostas anteriores indicam que as informações que os participantes da pesquisa tiveram sobre PE vieram de contatos com pessoas que trabalhavam na área e relataram suas experiências aos respondentes.

Na resposta *G*, a indicação de que uma professora da universidade descreveu sua atuação em um projeto que envolvia PE é a única referência que tem como base uma informação advinda do aprendizado na universidade. No entanto, a resposta, não apresenta detalhes adicionais sobre o projeto como o público ou os objetivos. Além disso, não há menção de que a disciplina de Fonética e Fonologia aborde aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem de conteúdos voltados para aulas de PE.

No trecho *H*, o grupo da rede social não está atrelado ao Curso de Letras da USP de forma oficial, é composto por estudantes de Letras e outras pessoas que querem conhecer mais sobre essa graduação¹⁷.

Por sua vez, na resposta *I*, o respondente indica que teve contato com uma professora de PE, embora esse contato não tenha sido suficiente para que ele tivesse uma formação para atuar na área. Ou seja, ele conhece a área, porém não sabe como é possível seguir carreira nela por não ter tido

¹⁷ Para saber mais informações sobre o grupo, ver: <https://www.facebook.com/groups/letras.fflch>.

uma formação específica. Isso corrobora com outras categorias evidenciando que o conhecimento sobre PE pelos estudantes de graduação em Letras da USP é superficial.

5.5 Ausência de formação e recursos

A última categoria reúne as 10 respostas que indicam uma ausência de formação de professores, de materiais didáticos e de informação a respeito da área de PE. Embora essa temática já tenha sido vista em alguns trechos das categorias anteriores, exponho os excertos que tratam dessa questão de forma mais clara:

- A) “Ouvi que existe pouco material pronto para trabalharmos”;
- B) “Apenas ouço que é uma área com desenvolvimento de apostilas, sempre leio colegas pedindo materiais de apoio e onde podem ser oferecidas aulas”;
- C) “Sei que não há na USP uma habilitação nessa área e os materiais didáticos são escassos em comparação a outras línguas, ou seja, quem está na área aprende na prática. No entanto, eu que desejo iniciar como professora PLA, mesmo sem ter aberto a licenciatura, acredito que pela falta dessa matéria na grade da USP, não terei a base necessária para ingressar. Por isso, esta pesquisa é importante, para que seja mudada tal realidade na melhor Universidade da América Latina”;
- D) “[...] sei que ser professor de PLE não é a mesma coisa que ser professor de português como língua materna. Sei que na USP não ensinam isso, não há habilitação, nem matérias pelo menos na graduação. Sei que tem 2 ou 3 lugares no Brasil que formam os professores de PLE”;
- E) “Nada, os conteúdos que tive acesso foram através de buscas pessoais, nunca me apresentaram a questão de fato. Como estudante de coreano (que é um idioma bem diferente do português) tive interesse em métodos que pudessem facilitar meu aprendizado dessa língua específica, assim acabei encontrando na Internet alguns comentários relacionados ao ensino de línguas e me deparei com a questão de professores de português para alunos coreanos (que inclusive é uma área de interesse meu como aluna da universidade)”.
- F) “Já entrei em sites, antes de entrar no curso de Letras, para procurar cursos específicos para ensino de português para estrangeiros. Não obtive muitas informações, os sites eram mais para as aulas em si, ou seja, voltados para os estudantes estrangeiros que buscam aprender o português”.

Nas respostas A, B e C, evidencia-se a identificação da escassez de materiais didáticos disponíveis e a necessidade de desenvolver mais recursos, como apostilas, para as aulas de PE. Essa questão não é nova, como apontam pesquisas anteriores (Pacheco, 2006; Lopes, 2009; Ueti, 2013), que destacam a carência de materiais específicos para a área. Além disso, conforme mencionado na

resposta *B*, essa dificuldade é uma reclamação recorrente entre professores e frequentemente debatida em grupos de profissionais da disciplina nas redes sociais (Santos, 2019).

Nas respostas *C, D, E* e *F*, os participantes constatam, com certo tom de frustração, que o Curso de Letras da USP não oferece uma formação específica para a área de PE. No trecho *C*, em particular, o conhecimento mais aprofundado do respondente sobre a temática fica evidente ao apontar problemas como a falta de materiais didáticos e de formação teórica. Outrossim, o participante destaca a importância desta pesquisa como base para a criação de iniciativas voltadas ao desenvolvimento da área.

Ainda em relação à resposta *C*, percebe-se um sentimento de indignação quanto à ausência de espaço para o PE dentro do Curso de Letras da USP, especialmente considerando que a universidade é uma instituição de grande porte e referência não apenas no Brasil, mas também na América Latina. Embora o projeto pedagógico atual do curso de Letras¹⁸ não contemple ações voltadas à formação em PE, é evidente que, diante do processo de internacionalização, uma reformulação da grade curricular seria necessária para atender a essa demanda.

Corroborando aos estudos de Chagas (2024), o qual ressalta que a internacionalização é uma nova missão da universidade e, para que ela seja realizada, é importante haver uma reformulação dos currículos dos cursos, especialmente o de Letras. Essa revisão deve propiciar a inclusão de disciplinas que construam conhecimentos que dialoguem com os conceitos de internacionalização, inclusive, com a concepção do Português como língua internacional.

Na resposta *D*, houve o interesse do participante em aprofundar seus conhecimentos sobre a área e, a partir de pesquisas, identificou que não há disciplinas na graduação em Letras voltadas para essa formação, além de constatar que são poucas as IES que oferecem essa especialidade¹⁹.

No trecho *E*, o respondente sugere que a formação em PE poderia dar outra possibilidade para sua habilitação em Coreano, uma vez que identificou uma demanda por professores de PE a falantes dessa língua. Assim, além de ampliar as oportunidades na área de Português, os

¹⁸ O Projeto Político Pedagógico completo poder ser acessado em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCarreira.jsp?codmnu=8275>.

¹⁹ Hoje a habilitação específica em Português para estrangeiros é oferecida pelas Universidade da Bahia, Universidade de Brasília, Universidade de Campinas e Universidade de Integração Latino Americana.

conhecimentos em língua estrangeira também contribuiriam para atuar em contextos que integram ambas as habilitações.

Por fim, no trecho *F*, a pesquisa feita pelo respondente leva-o a informações voltadas ao público que busca por aulas de PE e não ao público de professores em formação. Desse modo, percebe-se que a escassez em formações de professores de PE não está restrita somente à USP, mas a outros espaços, incluindo a própria rede de informações da internet, onde, apesar da amplitude de conteúdos disponíveis, há pouca informação específica sobre essa temática.

Ao associar as respostas, é possível analisar que há uma ausência de informações no que tange ao desenvolvimento profissional de professores de PE no país. E que, especificamente no contexto do Curso de Letras da USP, a área de PE é pouco conhecida pelos graduandos, mesmo com a demanda cada vez mais crescente para os contextos de PLAc e intercambistas.

6 Discussões sobre as respostas

A análise das respostas dos estudantes de Letras com habilitação em Português revelou uma lacuna significativa no conhecimento sobre o ensino de PE. Observou-se que, na maioria dos casos, o conhecimento adquirido sobre a área provém de experiências fora da universidade, como atividades voluntárias em cursos de Português para migrantes e pessoas em situação de refúgio. Essa situação reflete uma visão predominante da Língua Portuguesa como uma língua materna a ser ensinada exclusivamente aos brasileiros, em vez de reconhecê-la como uma língua internacional. Ao entender a língua como algo restrito a um país ou uma nacionalidade, essa concepção segue no sentido contrário ao conceito de internacionalização defendido por Knight (2003) como a integração das dimensões internacionais, interculturais e globais em diferentes aspectos da IES.

Para fortalecer o processo de internacionalização e promover o desenvolvimento das competências interculturais e plurilíngues, é essencial que o currículo do Curso de Letras seja ampliado, incorporando a visão do Português como uma língua que também pode ser aprendida por falantes de outros idiomas. Embora os estudantes demonstrem interesse em teorias e metodologias de ensino-aprendizagem de PE e reconheçam a demanda por professores nessa área, a falta de

acesso a conhecimentos específicos dentro da universidade limita suas oportunidades, especialmente dentro da grade curricular da graduação.

Mesmo havendo iniciativas recentes voltadas à formação de professores de PE – entre elas, os cursos oferecidos por agentes institucionais, como o CIL-FFLCH e programas de apoio à docência principalmente em práticas pedagógicas –, essas ações ainda são restritas e vinculadas à atividades extensionistas. Além disso, a divulgação insuficiente entre os graduandos restringe ainda mais o acesso dos estudantes de Letras a essas oportunidades ou a outros cursos de extensão universitária.

Esse fato foi apresentado por Furtoso (2015), ao pontuar que quando as ações relacionadas ao PE estão exclusivamente no âmbito da extensão, isso pode resultar em uma falta de visibilidade e acesso para a comunidade acadêmica.

Para promover o desenvolvimento da área de PE e contribuir para a internacionalização da instituição, é necessário implementar uma política linguística que reconheça o Português como uma língua internacional (Zoppi-Fontana, 2009; Faraco, 2016) nos cursos de Letras com disciplinas específicas. Isso permitirá que futuros profissionais de Letras desenvolvam uma compreensão mais ampla do Português e integrem essa visão em suas práticas de ensino.

Adicionalmente, estudantes com habilitações duplas, em Português e línguas estrangeiras, poderão relacionar o estudo dessas línguas e atuar com falantes de línguas estrangeiras específicas. Isso pode favorecer a integração das habilitações e à construção de relações entre línguas maternas e estrangeiras.

A inclusão de disciplinas focadas na formação de professores para ensino-aprendizagem do PE na grade curricular do curso de Letras permitirá que todos os estudantes interessados tenham acesso a esse conhecimento, não se limitando às oportunidades oferecidas apenas por atividades de extensão. Com tais medidas, o conhecimento sobre o PE será mais disseminado entre os estudantes, abrindo novas possibilidades de carreira e fortalecendo a função do Português como um instrumento de internacionalização, além de auxiliar no desenvolvimento de habilidades linguísticas, culturais e pedagógicas.

7 Considerações finais

A presente pesquisa buscou identificar as percepções dos estudantes de Letras da Habilitação em Português da USP sobre a área de PE. A análise revelou a ausência de disciplinas específicas sobre o tema no curso, o que restringe as oportunidades profissionais e acadêmicas desses alunos. Além disso, a pouca integração de conteúdos relacionados ao ensino-aprendizado de PE na grade curricular reforça as limitações na formação oferecida.

Diante dessas limitações, para contribuir para o processo de internacionalização, é imperativo que sejam adotadas políticas linguísticas que tratem do ensino do Português, reconhecendo-o como uma língua global e não apenas nacional. Essas políticas podem impactar não apenas estudantes do Curso de Letras, como também estudantes das outras graduações da universidade.

Ao implementar essas mudanças, a formação acadêmica não só se alinhará com as demandas globais, mas também abrirá novas possibilidades de carreira para os estudantes, fortalecendo o papel do Português como uma língua de importância internacional.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: A pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética da Universidade de São Paulo. Processo n. 58037322.1.0000.0138, Parecer n.: 5.388.881.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. UETI, Luhema Santos.

Referências

ABREU-E-LIMA, D.; FURTOSO, V.; FRANCISCO, D. L. O programa IsF- Português e o fortalecimento da área de Português para Estrangeiros. In: ABREU-E-LIMA, D. et. al (org.) *Idiomas sem fronteiras: multilinguismo, política linguística e internacionalização*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021, p. 108-139.

AMADO, R. S. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. *Revista da SIPLE*, Brasília, ano 4, n. 2, out 2013. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Amado_RS_16_2685141_OEnsinoDoPortuguesComoLinguaDeAcolhimentoParaRefugiados.pdf. Acesso em: 29 ago. 2024.

BEACCO, J.C.; BYRAM, M. *Guide for plurilingual and intercultural education*. 2007. Strasbourg: Language Policy Division, Council of Europe. Disponível em: https://www.academia.edu/36079955/Guide_for_Plurilingual_and_Intercultural_Education_Council_of_Europe. Acesso em: 3 set. 2024.

BIZON, A. C. C.; CAMARGO, H. R. E. Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise no município de São Paulo: Por uma política do atravessamento entre verticalidades e horizontalidades. In: BAENINGER, R. et al. (orgs.). *Migrações Sul-Sul*. Campinas: NEPO/UNICAMP, p. 712-726, 2018.

CADERNOS do Centro de Línguas. *Português Língua Estrangeira*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, n. 4, 1997. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997.

CADERNOS do Centro de Línguas. *Português Língua Estrangeira*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, n. 5, 2007. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2007.

CHAGAS, L. A. Uma percepção crítica sobre a internacionalização da educação superior como missão universitária: os cursos de Letras línguas estrangeiras no Brasil em foco. *Revista de Estudos de Cultura*, [S. I.], v. 9, n. 23, 2024. DOI: 10.32748/revec.v9i23.20570. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/20570>. Acesso em: 14 set. 2024.

COELHO, P. R.; ALMEIDA, C. C. L. *Histórico do Programa*. Conecta Leitores, 2024. Disponível em: <https://sites.google.com/view/conectaleitores/hist%C3%B3rico-do-programa>. Acesso em: 12 set. 2024.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Traduzida da versão inglesa do documento oficial. 1ª. Edição. Porto: Edições ASA, 2001. Disponível em: https://area.dge.mec.pt/gramatica/quadro_europeu_total.pdf. Acesso em 1 ago. 2024.

CURSINO, C. A. Formação de professoras e professores de PLAc e plurilinguismo: práticas acolhedoras no ensino-aprendizagem de português em contexto migratório. *Revista De Estudos De Português Língua Internacional*, 2(2), 135–152. 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/repli/article/view/62608>. Acesso em: 17 set. 2024.

FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FURTOSO, V. A. B. Onde estamos? Para onde vamos?: A pesquisa em português para falantes de outras línguas nas universidades brasileiras. In: LUCAS, P. O.; RODRIGUES, R. F. L. *Temas e rumos nas pesquisas em Linguística (Aplicada): Questões empíricas, éticas e práticas*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 153-196.

GROSSO, M. J. Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010.

KNIGHT, J. Updated internationalization definition. *International Higher Education*, Ontário, Canadá, v. 33, p. 2-3, 2003. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihc/article/view/7391>. Acesso em: 26 ago. 2024.

LOPES, J. H. Materiais didáticos de português para falantes de outras línguas: do levantamento de produções brasileiras a uma nova proposta. In. FURTOSO, V.. B. *Formação de professores de português para falantes de outras línguas: reflexões e contribuições*. Londrina: EDUEL, 2009.

LOPEZ, A. P. A.; DINIZ, Leandro. R. A. Iniciativas jurídicas e acadêmicas para o acolhimento no Brasil de deslocados forçados. In: *Revista da Sociedade Internacional Português Língua Estrangeira – Siple* v. 9, [s.p.], 2019.

LOPEZ, A. P. A. O Professor de Português como Língua de Acolhimento: entre o ativismo e a precariedade. In: *Fólio Revista de Letras*, v.12, n.1, jan/jun, p. 169-191, 2020.

PACHECO, D. G. L. C. *Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo*. 2006. 335f. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, D. *Formação docente em um site de rede social para professores de PLE: da organização e dos indícios de identidades*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)- Instituto de Letras, Universidade de Campinas, 2019.

STALLIVIERI, L. *Internacionalização e Intercâmbio: Dimensões e Perspectivas*. Curitiba: Editora Appris, 2017.

UETI, L. S. *O léxico da cultura brasileira no livro didático “Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros*. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

UETI, L. S.; ALBUQUERQUE-COSTA, H. O português língua adicional no contexto de internacionalização da Universidade de São Paulo: da mobilidade acadêmica à inclusão de comunidades linguístico-minoritárias. In: ALBUQUERQUE-COSTA, Heloísa; SOUZA, Marina Mello de Menezes Felix de (Orgs.). *Internacionalização no ensino superior e formação em línguas estrangeiras: conceitos, abordagens metodológicas e programas de ensino*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024. p. 151-177.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Projeto Pedagógico do Curso de Letras*, 2021. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/jupCarreira.jsp?codmnu=8275>. Acesso em 3 jul. 2024.

_____. *Anuário Estatístico da USP - 2023*. São Paulo: Escritório de Gestão de Indicadores de Desempenho Acadêmico - EGIDA, 2024. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle>. Acesso em: 16 set. 2024.

_____. *Política de Internacionalização*. Disponível em: <https://internationaloffice.usp.br/index.php/institucional/politica-de-internacionalizacao/>. Acesso em: 14 set. 2024.

ZOPPI-FONTANA, M. *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas, RG Editora, 2009.